

A fábrica de mente

*Luiz Fernando Medeiros de Carvalho**

*Adriano Brandão de Oliveira***

RESUMO

Este trabalho pretende analisar, sob uma ótica interdisciplinar, o livro **A Fábrica do feminino**, de Paula Glenadel, pelo que se demonstra a prevalência da reflexão da condição humana sobre a proposta da afirmação de gênero. Relacionamos o termo “fabricação” com a noção de “condicionamento”, entendido como um processo de aprisionamento de corações e mentes que tem se transmitido por gerações e gerações, conforme os estudos do pensador indiano Jiddu Krishnamurti. A linguagem dominante é o instrumento por excelência do condicionamento em contexto sócio-cultural. Nesse sentido, a libertação da mente do condicionamento passa pela compreensão dos efeitos dessa linguagem e seus mecanismos. E a poesia tem a capacidade de subvertê-la, posto que é agente de transformação.

Palavras-chave: Condicionamento. Poesia. Liberdade. Paula Glenadel.

ABSTRACT

This work aims to analyze, from a multidisciplinary perspective, the book **A Fábrica do Feminino**, by Paula Glenadel, in order to show the prevalence of the reflection of the human condition on the discussion focused on women's issues. We link the term “manufacture” to the notion of ‘conditioning’, understood as a process of trapping the hearts and minds that has been transmitted for generations, according to studies by the Indian thinker Jiddu Krishnamurti. The dominant language is the instrument par excellence of conditioning in a socio-cultural context. In this sense, the awareness of this language effects, as well as the understanding of its mechanisms are the key to liberating the mind from conditioning. And poetry has the ability to subvert this language, since it is an agent of transformation.

Keywords: Conditioning. Poetry. Freedom. Paula Glenadel.

*Graduação em Letras pela UFRJ (1971). Mestrado em Letras pela PUC-Rio (1978). Doutorado em Letras pela PUC-Rio (1986). Pós-Doutorado em Paris-I com Sarah Kofman(1987), na École des Hautes Études en Sciences Sociales, com Jacques Derrida (1987,1994 e 1997). luizf.medeiros@yahoo.com.br

**Mestrando em Letras pelo CES/JF. adrianobrao@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

A primeira impressão que se tem a partir da leitura do título do livro **A Fábrica do feminino**, de Paula Glenadel, é que o foco ou a tônica do texto é a afirmação do feminino ou, ainda, que esteja sob um prisma feminista¹.

A Fábrica do feminino é um livro de poesia contemporânea², dividido em três partes. A primeira parte tem o mesmo título do livro. Nela estão registradas, de fato, as tensões, os conflitos de toda ordem nas relações entre homens e mulheres. Emergem, ainda, em vários poemas da primeira parte, as concepções estereotipadas sobre as figuras femininas de todos os tempos e espaços. Um exemplo está no poema “Mole”: “[...] A Virgem Maria era mãe, santa e virgem, de onde se conclui primeiramente, que toda mulher é vagabunda e depois, que toda loura é burra.” (GLENADEL, 2008, p. 12).

Ainda assim, pode-se dizer que não se trata especificamente de uma questão de afirmação de gênero³, como se verá adiante.

O prólogo, em forma de prosa poética, “realiza uma síntese de todo o desenrolar dos três planos em que se estrutura o livro”, segundo Cristiane Brasileiro e Luiz Fernando Medeiros de Carvalho (2010). Vejamos como estão no prólogo as referências à primeira parte ou primeiro plano:

1 É extremamente difícil definir feminismo. Para Elisa Seixas (2010) “o que existe é antes uma pluralidade de feminismos, uma multiplicidade de discursos de natureza filosófica, política, social, cultural e por aí adiante. Logo, aqui é perceptível a dificuldade inerente a um movimento que escapa, desde logo, à revelação”. Importa dizer aqui que o livro de Paula Glenadel não tem uma proposta voltada exclusivamente à reflexão sobre as questões ou problemas femininos.

2 Os elementos presentes na poesia de Glenadel enumerados no posfácio do livro, escrito por Ana Luísa Amaral, são comuns a outros autores dessa geração, como, por exemplo, a “coexistência de poemas em verso e em prosa”, a “exercitação de diversas formas poéticas” (p. 78), a “subjetividade enfraquecida” (p.79) e a “convocação de universos outros (o da cozinha, o dos bolos e fermentos)” (p.80).

3 É certo que ao poema Mole caberiam perfeitamente críticas balizadas em Pierre Bourdieu, como, por exemplo, faz José Eustáquio Diniz Alves acerca de temáticas semelhantes às do poema: Pierre Bourdieu, em seu livro **A dominação masculina** discorre sobre o conceito de violência simbólica que é uma forma de violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento. Numa perspectiva que considera o gênero como o sexo socialmente construído, o autor busca desconstruir a sociedade androcêntrica devolvendo a diferença entre o masculino e o feminino seu caráter arbitrário, contingente, cultural e histórico? (ALVES, 2000). Entretanto, o aprofundamento desse tipo de análise nos remeteria, inevitavelmente, à abordagem centrada na tensão entre gêneros. Embora alguns poemas do livro admitam essa possibilidade, ficaria difícil relacioná-los com a maioria dos outros poemas, que nos trazem essa conotação.

O FEMININO É FEITO NUMA FÁBRICA. O masculino é fabricado. Tudo o que é humano é feito à máquina. A fábrica é meio antiquada, escura. Contudo, entrevemos uma linha de montagem que produz e reparte andróides femininos e andróides masculinos em dois compartimentos distintos. Saem dali para o mercado, [...] (GLENADEL, 2008, p. 7).

Ainda que, até esse momento, seja impreciso o significado da palavra fábrica, é a condição humana que está em jogo dentro de um contexto sombrio.

Ora, quem sai dali para o mercado? Os androides femininos e masculinos, que são originados na mesma linha de montagem. Não há nenhuma referência especial às características femininas ou às masculinas desses “androides”, mesmo porque o conceito de “humano” é amplo, e, portanto, engloba os de “masculino” e “feminino”.

O poema “O X O”, o último da primeira parte, confirma esse aspecto do prólogo. É verdade que se estabelece um conflito inevitável entre o masculino e feminino, mas não é apenas uma questão de demonstração de tensões ou jogos intermináveis. Observemos essa passagem:

[...] Deus me livre! Só um pouco.
Porco não. Eles também sofrem com a fabricação,
fingem que não. (GLENADEL, 2008, p. 33).

Atentemos para a frase final do poema:

[...]
Fica comigo esta noite. (GLENADEL, 2008, p. 33).

Vislumbramos duas leituras possíveis a partir da combinação dessa última frase com o trecho selecionado no parágrafo anterior, considerando a ocorrência de duas vozes no poema: se é a voz feminina que propõe esse tipo de trégua ou conciliação, então esta tem consciência do processo de fabricação ou de condicionamento a que ambas as vozes estão submetidas. Se é a voz masculina que o propõe, não se pode afirmar que esta tenha consciência desse processo, embora esteja sofrendo com tal situação.

De qualquer forma, quando o poema traz a possibilidade de uma ou outra interpretação, a suposta importância da exposição (e manutenção) de conflitos entre gêneros opostos é quebrada com a

inequívoca confissão do desejo de uma aproximação ao final, abrindo-se novas perspectivas para a leitura da segunda e terceira partes.

Quando nos referimos ao termo “condicionamento”, estamos-lo relacionando ao termo “fabricação”, transcrito do poema “0 X 0”. Sobre essa questão, acompanhem algumas reflexões de Jidu Krishnamurti (1895-1986), pensador indiano:

Durante séculos fomos condicionados por nacionalidade, casta, classe, tradição, religião, língua, educação, literatura, arte, costumes, convenção e propagandas de todos os tipos, pressão econômica [...] nossos amigos, nossas experiências – toda influência em que você puder pensar – e, portanto, nossas respostas a cada problema são condicionadas. Você tem consciência de estar condicionado? Essa é a primeira coisa a perguntar a si mesmo. (KRISHNAMURTI, 2011a).

Entretanto há uma forma de condicionamento mais profundo:

Outra forma de condicionamento é aquela da comparação. A pessoa se compara com o que ela pensa ser nobre ou heroico, com o que gostaria de ser, em oposição ao que a pessoa é. A busca comparativa é uma forma de condicionamento; novamente, é extraordinariamente sutil. Compare-me com alguém que é um pouco mais inteligente ou mais bonito fisicamente. Secreta ou abertamente, há um constante monólogo, a pessoa falando consigo mesma em termos de comparação. Observe isso em si mesmo. (KRISHNAMURTI, 2011d).

Sem a compreensão do nosso modo de pensar não se pode perceber o condicionamento:

Tudo o que podemos fazer é ver que a mente está condicionada e, através do autoconhecimento, compreender o processo do nosso pensar. Preciso conhecer a mim mesmo, não como gostaria de ser ideologicamente, mas como sou realmente, por mais feio ou bonito, ciumento, invejoso, cobiçoso que eu seja. Entretanto, é muito difícil ver só o que se é, sem desejar mudar isso, e esse mesmo desejo de mudar isso é outra forma de condicionamento; e, assim, nós prosseguimos, mudando de um condicionamento para outro, jamais experimentando algo além daquilo que é limitado. (KRISHNAMURTI, 2011b).

Poderíamos, então, dizer, com base em Krishnamurti, que uma mente condicionada é uma mente fabricada, ou, ainda, que ser condicionado é ser fabricado, ou, ainda, que todos somos fabricados. Brasileiro e Carvalho (2010) parecem apontar na mesma direção de Krishnamurti no que se refere ao condicionamento da(s) mente(s) ao verificarem que o livro **A Fábrica do feminino**

[...] encena um jogo com os limites de concepções enraizadas, sobretudo com dualidades muito primitivas inscritas na mente e transmitidas por gerações, formando representações de homem e mulher. A fábrica mostra, sobretudo, estereótipos de como é recebido o feminino na cultura (BRASILEIRO; CARVALHO, 2010, p.42).

A segunda parte, intitulada **A Cidade dos homens** e a terceira, **A cidade fantasma**, estão assim referenciadas no prólogo:

Saem dali para o mercado, na cidade dos homens, onde catálogos, discursos promocionais já os esperam, onde vão ocupar sempre as mesmas prateleiras. Ver, ouvir. Observar essas palavras que há milênios fabricam o mundo, suas formas. Falar com elas. Habitar a cidade fantasma. A fala, fábrica da fábrica (GLENADEL, 2008, p. 7).

Ana Luiza Amaral, no posfácio do livro **A fábrica do feminino**, relaciona o poema **The Waste land**, de T. S. Eliot, com a **A Cidade dos homens**:

Este poema situa-nos no tempo que é o nosso, dominado pelo capitalismo liberal, em que o ser humano se transforma em máquina e a máquina reproduz, por ele e para ele, os gestos que o irão tornar vítima de um sistema cego (e cruelmente fluido); nesse tempo, que dilacera igualmente mulheres e homens, as palavras entendem-se, então como simulacros. Mas será igualmente a consciência de que elas assim são que as pode, de alguma forma, investir de possibilidade de sabotagem da tradição e torná-las capazes de agenciamento e de abertura ao devir (GLENADEL, 2008, p. 77, grifo nosso).

Os poemas “Calçada” e “Boris e o tambor”, ambos da segunda parte, apontam as “vítimas de um sistema cego”, que poderiam ser as

prostitutas no primeiro e toda a humanidade no segundo.

Observemos a frase final do prólogo:

[...]
A fala, fábrica da fábrica.” (GLENADEL, 2008, p. 7).

A fala, aqui é a linguagem, “as palavras como simulacros”, conforme mencionado no texto de Ana Luísa Amaral, instrumento por excelência de condicionamento. Com a consciência desse condicionamento, abre-se a possibilidade de “sabotar a tradição”. Mas qual é o papel da poesia nesse contexto? Retornemos a Krishnamurti que nos ensina: “quando você consegue olhar para o fato do seu condicionamento sem comparação, sem julgamento, então você o está vendo como uma coisa total, e só então há possibilidade de libertar a mente desse condicionamento”. (KRISHNAMURTI, 2011c).

Por que seria a linguagem o instrumento do condicionamento? Acompanhemos o raciocínio de Luiz Fernando Calaça de Sá Júnior (2007), balizado em Lacan e Otávio Paz:

O inconsciente é linguagem, na psicanálise. O homem é linguagem, posto que é ser de cultura [...] Por estar imerso na linguagem, o homem cultural se diferencia dos outros animais posto que não mais se limita à imagem e à realidade aparente, mas transcende essas duas dimensões, que passam a ser cortadas pelo simbólico. [...] O homem é um ser pulsional. A pulsão, por sua vez, é marcada pela linguagem, pela cultura, pelos sentidos que se criam pelo homem, no mundo que passa a ser objeto de desejo. [...] A linguagem, na poesia, rompe a sua qualidade comunicativa, deixando de servir apenas ao objetivo de representar a realidade, para expandi-la, tranfigurá-la, transgredi-la. A palavra é impossível de ser aprisionada pelos significados definidos, por um único objeto referente. A palavra é múltipla, e múltiplo o homem, que a pronuncia, é inscrito por ela. A palavra poética define o homem em sua condição simbólica, e sua existência é imprecisão. O homem é poeta, e na poesia é servo da linguagem, é veículo na qual ela se manifesta, incorpora, torna-se realidade (SÁ JUNIOR, 2007, p.15).

Vejamos como Paula Glenadel trata dessas mesmas questões numa entrevista a Margarida Patriota, no programa **Autores e Livros**

da Rádio Senado, acerca de seu livro **A fábrica do feminino**, em 2009:

A gente só consegue se libertar um pouco dos nossos condicionamentos, quando a gente entende um pouco mais dos mecanismos da fala, da linguagem da gente. Então acho que a poesia é um lugar para você fazer isso, você acaba se libertando porque você toma certas liberdades, aquela famosa liberdade poética, mas entendida não naquele sentido de floreio e tal, que é o sentido mais comum do termo, licença poética, liberdade poética como uma imprecisão, mas é liberdade mesmo de você saber que você também é um texto. (GLENADEL, 2009, p.18).

Tomando-se “certas liberdades poéticas” habita-se **A cidade fantasma**, a terceira parte do livro.

Brasileiro e Carvalho (2010) admitem que o poema “Ave”, da primeira parte, tem relação com o poema “Borda”, da terceira parte, sendo que esta “vive do mito, mas o reinterpreta e o carrega de crítica e crise: a fênix vem cada vez menos ígnea, ‘mais miúda’. Não como coisa insignificante, mas como o traço de sobrevivência, o fóssil precioso de uma intensidade vital”.

Nesse sentido, se o “poema “Ave” ressoa no poema “Borda” como argumentam os autores, entendemos que este, por sua vez, irá ressoar no poema “Agônica”, também da terceira parte, porque se há essa “intensidade vital” na fênix que renasce mais miúda, no poema “Agônica” há a poeira como matéria de poesia:

perdido o norte *post mortem*
você virou poeira matéria de poesia
(GLENADEL 2008, p. 61).

Até a poeira também aqui não é insignificante, e serve à poesia como objeto. Assim, com intensidade, o que pode parecer paradoxal, o poema “Agônica” abre a terceira parte, o espaço de infinitas possibilidades da escrita.

Entre essas possibilidades estão “as meditações sobre o artesanato da palavra”, conforme Brasileiro e Carvalho (2010). Tomemos como exemplos os poemas “Prosa para Chico Science”, “Ou então” e o poema (meta-poético) “A voz (poema enfarinhado)”:

Enquanto eu fazia um bolo
[...]
verso que já nasce sem verso
e agora, Maria? (GLENADEL 2008, p.70).

Esse poema consegue juntar Adélia Prado pela remissão ao doméstico, como lugar de criação poética e Carlos Drummond de Andrade pelo diálogo com seu enigmático “E agora, José?”.

Os poemas “Prosa para Chico Science” e “Ou então” são escritos com as mesmas palavras, porém apresentados com disposições visuais diferentes. O primeiro se apresenta em texto corrido e o segundo com o corte do verso. Também podemos observar a relação intertextual desses poemas com a letra da canção **Sangue de bairro**⁴⁴, de autoria de Chico Science (a maioria dos personagens citados são cangaceiros do bando de Lampião, que foram decapitados após terem sido derrotados em combate com a polícia, na década de 1930).

Para Ana Luísa Amaral, “a poesia é a possibilidade por excelência” (GLENADEL, 2008, p. 82).

Assim Paula Glenadel aponta para a meditação de nossa própria condição humana, fabricada e replicada na escuridão, ao mesmo tempo em que tenta nos mostrar como converter poesia em luz para que esta ilumine o interior dessa máquina, “a fábrica de mente”, possibilitando a sua compreensão e possivelmente sua transformação.

REFERÊNCIAS

ALVES, José Eustáquio Diniz. Dominação masculina e sexismo. **O pensador Selvagem**. 2000. Disponível em: <<http://pensadorselvagem.org/ciencia-e-humanidades/demografia/dominacao-masculina-e-sexismo>>. Acesso em: 22 mar. 2012.

BRASILEIRO, Cristiane; CARVALHO, Luiz Fernando de. Jogo Decisivo. **Educação Pública**, Rio de Janeiro, 6 abr. 2010. Disponível em: <<http://www.educacaopublica.rj.gov.br/cultura/livros/0064.html>>. Acesso em: 21 mar. 2012.

4 Besouro, Moderno, Ezequiel, Candeiro, Cela Preta, Labareda, Azulão / Arvoredo, Quina, Bananeira, Sabonete/ Catingueira, Limoeiro, Lamparina, Mergulhão, Corisco/ Volta Seca, Jararaca, Cajarana, Viriato/ Gitirana, Moita-Brava, Meia-Noite, Zabelê/ Quando degolaram minha cabeça/ Passei mais de dois segundos vendo meu corpo tremendo/ e não sabia o que fazer/ morrer, viver, morrer, viver! (CHICO SCIENCE, 1996).

GLENADEL, Paula. **A fábrica do Feminino**. Posfácio de Ana Luísa Amaral. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.

_____. **PAULA GLENADEL**: entrevista [2009]. Entrevistadora: Margarida Patriota. Programa Autores e Livros. Brasília: Rádio Senado. 2009. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=3beUnQUxt5k>>. Acesso em: 23 mar. 2012.

KRISHNAMURTI, Jiddu. **Freedom from the Known**. J.Krishnamurtionline Ensinamentos de Krishnamurti. Arquivo de Citações diárias: condicionamento. 2011a. Disponível em: <<http://www.jkrishnamurti.org/pt/krishnamurti-teachings/view-daily-quote/20110721.php?t=Condicionamento>>. Acesso em: 22 mar. 2012.

KRISHNAMURTI, Jiddu. **The Collected Works**. J.Krishnamurtionline. Ensinamentos de Krishnamurti: Arquivo de Citações diárias: condicionamento. 2011b. Disponível em: <<http://www.jkrishnamurti.org/pt/krishnamurti-teachings/view-daily-quote/20110720.php?t=Condicionamento>>. Acesso em: 22 mar. 2012.

_____. **The Collected Works**. J.Krishnamurtionline. Ensinamentos de Krishnamurti: Arquivo de Citações diárias: condicionamento. 2011c. Disponível em: <<http://www.jkrishnamurti.org/pt/krishnamurti-teachings/view-daily-quote/20110719.php?t=Condicionamento>>. Acesso em: 22 mar. 2012.

_____. **The Impossible Question**. Krishnamurtionline. Ensinamentos de Krishnamurti: Arquivo de Citações diárias: condicionamento. 2011d. Disponível em: <<http://www.jkrishnamurti.org/pt/krishnamurti-teachings/view-daily-quote/20110716.php?t=Condicionamento>>. Acesso em: 22 mar. 2012.

SÁ JUNIOR, Luiz Fernando Calaça. **Linguagem e a poesia na Psicanálise**: trânsitos entre Lacan e Otavio Paz e um olhar incerto para o futuro. Texto escrito para a disciplina Tópicos Especiais de Psicanálise IV. UFBA. 2007. Disponível em: <<http://fcalaca.com/psicologia/linguagem-e-poesia-na-psicanalise-transitos-entre-lacan-e-octavio-paz-e-um-olhar-incerto-para-o-futuro.html>>. Acesso em: 23 mar. 2012.

Luiz Fernando Medeiros de Carvalho e Adriano Brandão de Oliveira

SEIXAS, Elisa. Habitar o feminino – uma perspectiva feminista. **PROJECTO10**, 2010. Disponível em: < <http://www.projecto10.pt/arquivo-9-sm-livre.htm>>. Acesso em: 21 mar. 2012.

CHICO SCIENCE. Sangue de Bairro. In: **Afrociberdelia**, Rio de Janeiro: Chaos/Sony Music, 1996. 1 CD, faixa 15.

Artigo recebido em: 01/6/2012
Aceito para publicação em: 06/9/2012